

LUIZ ANTONIO AGUIAR

Ilustrações
ROGÉRIO SOUD

Machado e Juca



Acervo básico 1999 da FNLIJ

7ª edição

 **Editora
Saraiva**

Editora: CLÁUDIA ABELING-SZABO

Assistente editorial: NAIR HITOMI KAYO

Suplemento de trabalho: LUIZ ANTONIO AGUIAR

Supervisão de revisão: LIVIA MARIA GIORGIO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: VAGNER CASTRO DOS SANTOS

Diagramação: MAURO MOREIRA

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aguiar, Luiz Antonio

Machado e Juca / Luiz Antonio Aguiar; ilustrações Rogério Soud. — 7. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-08215-1

1. Literatura infantojuvenil I. Soud, Rogério. II. Título. III. Série.

99-1576

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

11ª tiragem, 2019



Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
Tel.: 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivoleitor.com.br

Todos os direitos reservados.

CAE: 571353

CL: 810058

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas albeias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis em D. Casmurro, 1899.

— Sinhazinha qué cocada hoje? — perguntou o negro, arriando a bandeja diante da moça, cujos olhos brilharam imediatamente. Ligeira, procurou na bolsa uma moeda e a entregou ao ambulante, que lhe passou uma belíssima cocada morena, quadrada, exalando o cheiro forte de coco e de calda de açúcar.

O negro equilibrou novamente a bandeja em cima da cabeça e saiu cantarolando a musiqueta que lhe servia de pregão para vender suas cocadas, como servira a seu pai e, segundo se dizia, até a seu avô, antes deles. Quase todas as crianças do bairro a sabiam de cor e a repetiam, em suas brincadeiras. Ia assim, a cantiga:

*Chora, menina, chora,
chora porque não tem vintém.
Pede à mamãe, menina,
compra cocada pra ela também.*

Juca tinha 13 anos e adorava cocada. Cada vez que a voz do negro se aproximava, começava sua aflição. Sua boca pedia cocada; seus olhos já se enchiam de lágrimas. Lágrimas não de choro, mas do esforço para resistir à tentação, principalmente quando o negro — que parecia adivinhar a luta que Juca travava consigo mesmo — baixava a bandeja e levantava a toalhinha, muito branca, exibindo as cocadas, junto do ponto — uma árvore na junção da Rua das Laranjeiras com o Largo do Machado — onde Juca postava-se com seu cesto de carregar compras e sua caixa de engraxate. Com orgulho, Juca chamava aquele exato lugar de *minha* loja.

*Chora, menina, chora,
chora porque não tem vintém.
Pede ao noivo, menina,
compra cocada pra ele também.*

O negro tinha três ou quatro variações de sua canção. E uma voz cheia de poderes. Ou, então, seriam as cocadas. Tanto que, de longe, escutava-se já quando ele vinha chegando, e isso apesar do chocalhar das ferragens dos bondes puxados por burros. E sua voz soava mesmo mais alta do que a dos demais vendedores ambulantes: o leiteiro, conduzindo sua vaca e o bezerro atrás de si; outro, com um feixe de vassouras às costas, o burro sem rabo — um carrinho cheio de verduras; mais outro, brandando as delícias de seu mocotó; e ainda os vendedores de carvão, de cebolas, de doces variados e de miudezas, tornando o Largo uma grande e animada feira ao ar livre.

O negro, naquela tarde em especial, talvez acreditando que, dessa vez, fosse vencer seu duelo particular com Juca, não cobriu as cocadas de imediato com a toalhinha, como de hábito. Ao invés disso, sentou-se no chão e, sacando de um guardanapo, passou a ajeitá-las na bandeja, uma a uma, cuidadosamente... vagarosamente. Juca, sofrendo um horror, resistia.

Não que fossem mal os negócios de Juca. Mas, obstinadamente, o garoto havia decidido poupar cada vintém ganho com seu trabalho, até aquele que evitava gastar com a cocada que o negro parecia lhe oferecer com um sorriso desafiadoramente aberto, as gengivas vermelhas à mostra, como que certo de que, mais dia, menos dia, triunfaria.

*Chora, menino, chora,
chora porque não tem vintém.*

O negro afastou-se, sempre cantando. Juca respirou aliviado. Para se consolar, enfiou a mão no bolso da calça e brincou um pouco com as moedinhas que ganhara naquele dia. Fora um bom dia, sem dúvida, como eram todos, depois de uma noite de chuva. A *loja* ficava bastante movimentada. Ocorria que a Rua das Laranjeiras ficava tão enlameada que, às vezes, podia-se descer desde o Cosme Velho sem encontrar onde atravessar para a outra calçada. Finalmente, alguém necessitado de tomar o bonde no Largo, ou uma carruagem para ir ao escritório, ou, depois do almoço, para chegar à Rua do Ouvidor — rua da moda, onde as novidades aconteciam e as pessoas eram notadas —, precisava mesmo é meter o pé na lama. Ora, não querendo esse alguém, muito justificadamente, ir nem a um lugar nem a outro com os sapatos sujos, lá encontrava o Juca, sempre pronto a livrar a pessoa de seu problema.

De fato, a excelente localização da *loja* de Juca garantia o sucesso nos negócios. E tanto na ida quanto na volta. Isso porque, descendo alguém no Largo do Machado, ali onde os ambulantes se concentravam, para fazer suas compras, como faria para levá-las Rua das Laranjeiras acima, e mesmo até o Cosme Velho, se lá o garoto não estivesse, todo final de tarde, com seu cesto salvador? Havia mesmo quem encomendasse o serviço com antecedência, para que não lhe faltasse o cesto de Juca:

— Às cinco então, Juca?

— Estou esperando aqui pela senhora, D. Bina! Sem falta!

E o garoto sempre cumpria o combinado. Por isso, ia ganhando freguesia, tornando-se conhecido; já havia pessoas habituadas a contar com Juca e apenas com ele.

“Cada vintém seguro no bolso, mais perto estou de

ter uma loja de verdade”, pensava o garoto, imaginando-se no futuro com uma sapataria, talvez numa das ruas do centro, atendendo a moças e senhoras, e mesmo a cavalheiros elegantes. Teria também luvas, bengalas, chapéus, alguns importados da Europa. E se fosse para instalar-se, quem sabe, na própria Rua do Ouvidor, talvez tivesse de aprender a dizer em francês os nomes dos artigos que seu estabelecimento pusesse a venda... Já havia dado seus passeios pela Rua do Ouvidor, e sabia que o francês, principalmente no interior das lojas mais chiques, era a língua que se falava por lá.

Chez Jucá, esse seria o nome da loja, que já aprendera a pronunciar, como aprendia com facilidade tudo o que acreditasse que poderia ajudá-lo a vencer na vida... Fora por isso que aprendera a ler sofrivelmente e a fazer contas, com razoável perícia, com uma professora já idosa, sua vizinha — pagou-lhe dez vinténs a aula; era pouco, mas a senhora aceitava de boa vontade o serviço. Gostava de Juca, admirava a ambição do menino. E ele seguia imaginando, entre uma e outra engraxada, entre uma e outra entrega, ao juntar mais uma moedinha no bolso de sua calça — uma calça já sem cor, remendada, mas sempre mantida limpa pela mãe (“Aparência ajuda nos negócios”, defendia Juca.) — e a cada vez que impedia a si mesmo de chamar o negro e comprar a cocada em que sonhava cravar os dentes.

O ponto de Juca trazia-lhe uma vantagem adicional. Sua mãe trabalhava como criada numa residência na Rua das Laranjeiras. A patroa, uma boa senhora, jovem ainda, afeiçoara-se muito à mãe do garoto, e mesmo ao Juca. Graças a isso, Juca, toda manhã, ia com a mãe até a porta do sobrado, esperava do lado de fora, no portão, e logo ela lhe trazia um copo de leite e um pão com manteiga —



com a permissão da patroa, embora Juca, pelo jeito da mãe de lhe trazer tudo embrulhado, e do lado de fora da residência, suspeitasse que o dono da casa não tivesse sido informado. A pequena refeição sustentava o garoto por todo o dia, até que, ao cair da noite, a mãe vinha ao seu encontro no Largo, com mais um lanche, dessa vez reforçado por um par de bananas, ou mesmo por um pedaço de queijo.

Não gastar para comer era, sem dúvida, uma das grandes sortes de Juca. Senão, ou ia passar o dia com fome, como muitos outros garotos de sua idade que trabalhavam nas ruas, ou boa parte do seu ganho — “Minha loja na Rua do Ouvidor” — iria parar em mãos alheias.

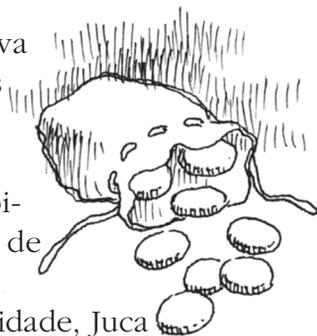
Juca e a mãe moravam num cortiço, em Botafogo, chamado pomposamente de Estalagem São Romão. Eram umas casinhas apinhadas, erguidas de folhas de madeira fina. Havia ratos, gente demais. No verão o calor era terrível, mas a situação ainda era melhor do que a de quem morava nas favelas. No terreno comum do cortiço, pelo menos, havia uma bica, e água em abundância. Os moradores eram funcionários públicos escalados para funções mais humildes e empregados domésticos ou pessoal que atendia em lojas de varejo. Gente pacata, ao contrário dos valentões que se encontravam em habitações ainda mais pobres. Eram famílias, em sua maioria, nas quais todos trabalhavam ou no Centro ou nas residências de Laranjeiras e de Botafogo. Morando perto do trabalho, não gastavam com o bonde. O salário da mãe, como criada, garantia a ela e ao filho — e eles só tinham um ao outro, no mundo — aquela casinha alugada e uma boa sopa na mesa, no jantar, pelo qual a mãe agradecia a Deus...

— E à minha patroa! — repetia constantemente a mãe de Juca. E completava: — Coitada dela.

— Coitada por quê? — estranhava Juca. — Mora naquele casarão. Veste bem, não precisa trabalhar... Só fica lendo...

— Romances! Ela adora ler romances. Mesmo assim... Coitada dela! — e suspirava, olhando para o céu aflita. — O pior na vida da gente é ser infeliz no casamento, meu filho.

Juca dava de ombros e recontava suas moedinhas, antes de guardá-las num saco de lona, que ocultava debaixo de seu colchão. Geralmente, essas conversas aconteciam já de noite, à luz de uma vela, pouco antes de dormirem.



Mesmo entre os garotos de sua idade, Juca era o que se poderia chamar de baixinho. Talvez por isso, por não ser páreo para os outros garotos nas brigas, aprendera a ser esperto, ou, pelo menos, a formular para si mesmo algumas *leis da esperteza*. E uma delas, uma das mais importantes, era economizar... Não apenas dinheiro, mas também energia. Se a patroa de sua mãe tinha problemas, o dele era acordar bem-disposto, a cada manhã, para poder trabalhar direito e trazer mais moedas para casa: “Chez Jucá!”, repetia, em pensamentos, antes de fechar os olhos para dormir.

Juntando tudo isso, portanto, naquele final de tarde anunciando chuva outra vez para logo mais à noite, Juca tinha todas as razões que considerava importantes no mundo para sentir-se satisfeito. Os negócios iam bem, de fato; sua bolsa debaixo do colchão engordava aos bocadinhos, mas engordava; não se ouvia mais a voz do ne-

gro apregoando as cocadas, o movimento da rua começava a se intensificar e logo começariam a aparecer os fregueses, recorrendo ao seu cesto, enfim... Tudo como ele achava que deveria ser.

Até acontecer o incidente...

E bem na frente dele. Na *porta* da sua *loja*.

O incidente que fez todo mundo na rua parar espantado. E Juca, mais espantado do que todos.

2

Rua Cosme Velho, 18

Era um senhor que somente se poderia chamar de sisudo. Dentro do bonde, sentava-se muito ereto. Os óculos presos ao nariz, a roupa impecável, o colarinho rijo, a barba e os bigodes espessos, grisalhos, rigorosamente aparados, a testa alta, arrogante, tudo em sua aparência conferia-lhe ainda maior gravidade. De forma que mesmo os que o reconheciam não tinham coragem de tomar lugar ao seu lado, muito menos de puxar conversa.

Se alguém reparasse melhor, entretanto, perceberia que, discretamente, quase com receio de serem flagrados, seus olhos, por trás dos óculos e das sombras de seu rosto franzido, corriam de um lado para o outro, inquietos, detendo-se nas pessoas e nas cenas da rua. Movia raramente a cabeça — e, quando o fazia, era de modo quase imperceptível. Se analisava tudo o que via, ou se gostava simplesmente de observar, sem maiores reflexões, era impossível dizer.

Fez sinal ao cobrador, que puxou a correia, atada ao braço do condutor, na frente do veículo. O condutor tensionou os arreios, detendo a parelha de burros e o bon-

de, que protestou, rangendo sobre os trilhos. O senhor sisudo saltou apressado, carregando, como de hábito, um pequeno embrulho de livros debaixo do braço e a bengala na outra mão. A seguir, entretanto, ficou parado na calçada, como se estonteado com o movimento do Largo do Machado, naquele final de tarde abafado e úmido, ou mesmo como se houvesse esquecido por que saltara ali, ainda longe de casa.

Uma nuvem começou a turvar sua vista. Enxergava as pessoas à sua volta passando como em marcha acelerada, deixando atrás de si um rastro borrado. Agora, lembrava que viera deixar um recado com um marceneiro, que mantinha sua banca por ali, em algum lugar. Fora um pedido de Carolina. Mas não conseguia decidir-se para que lado caminhar, a fim de encontrar o tal sujeito. Engoliu a saliva, sentindo-a grossa, colando-se à garganta apertada, e seu nervosismo foi aumentando à medida que reconhecia os sinais do que estava para acontecer. Fez um



esforço para afastar a confusão que ameaçava afogar sua mente... “Como um homem trágico por uma ressaca!”, pensou. “Uma ressaca!”

Voltou-se. Em seu estado de perturbação, reconheceu a entrada da Rua das Laranjeiras a poucos passos e encaminhou-se para lá, quase instintivamente. Tudo o que queria, agora, era chegar em casa. Procurou fixar a figura de Carolina esperando por ele, como todas as tardes, lendo, por detrás da vidraça fechada — a primeira visão que tinha logo que descia do bonde, no seu ponto costumeiro. Olhou para os lados, procurando alguma charrete de aluguel que estivesse passando na hora. Não havia nenhuma. Sentiu as pernas amolecerem; então, tudo escureceu.

Juca o conhecia. Mas apenas porque carregara as compras para a esposa dele, por já algumas vezes. Em uma ou duas dessas ocasiões, vira-o no jardim. Lembrava-se de ter passado por ele, carregando o cesto até a porta da casa, e de que, tanto na entrada quanto na saída, aquele senhor sequer por um momento voltara-se para olhá-lo, como se a borboleta, cujo voo ele acompanhava, fosse, por tudo, muito mais interessante.

Se já houvesse pedido ao garoto para engraxar seus sapatos, uma vez que fosse, Juca teria reparado nele no instante em que descera do bonde. E teria acenado para ele, ou jogado um cumprimento cantarolante. Mas, como sempre, econômico, guardava seus truques e chamativos para a freguesia. Foi por isso que só se deu conta da sua aproximação quando ele, praticamente, tombou aos seus pés.

Assustado, o garoto encostou-se à árvore às suas costas. O homem contorcia-se no chão, enlameando as

roupas, o rosto. Tinha os olhos semicerrados e as faces congestionadas.

Uma multidão logo formou a roda, e Juca escutou passar de um em um a palavra: “epilético”. Alguns, curiosos, agachavam-se para ver melhor. Outros mostravam medo — o mesmo medo do garoto. Mas ninguém acudia o homem:

— Isso pega! — alertou alguém, com um berro esganiçado.

— Que pega o quê, seus ignorantes!

Era um rapaz de vinte anos, mais ou menos. Um estudante, que morava em quarto alugado num casarão, nas redondezas. Tomado de indignação, abriu caminho através da pequena turba. Precisou empurrar os mais teimosos, que não queriam perder o espetáculo, e agachou-se, amparando a cabeça do homem em seu colo. Aos poucos, a convulsão foi cessando. Seu corpo prostrou-se imóvel, como se houvesse adormecido profundamente.

— Alguém sabe onde ele mora? Alguém o conhece? — indagou o estudante.

A multidão dispersou-se, desinteressada. Permaneceu apenas Juca, paralisado ainda, e também porque, afinal de contas, ali era a sua loja, e não seria hora de largar o trabalho.

— Você... — voltou-se o estudante, aflito, para Juca. — Conhece esse senhor?

Naquele instante, ainda com a cabeça no colo do estudante, o homem abriu os olhos. Era nítido que encontrava-se em tal estado de esgotamento que não conseguiria falar. Talvez, sequer pensar. Mas olhou para Juca. Fixamente. Desoladamente. Para sua surpresa, Juca teve a certeza de que ele o reconhecera.

Juca assentiu, com a cabeça.

— Sabe onde ele mora?

Um alarme disparou na mente de Juca, avisando-o de que deveria responder que não. Que ia meter-se em encrencas. Mas de novo esbarrou com o olhar daquele senhor pedindo ajuda.

— Sabe ou não sabe? Responda, garoto! Você não fala?

Juca ainda hesitou um pouco. Mas logo balançava a cabeça de novo.

— É perto daqui? — indagou o estudante.

— Lá para cima... — balbuciou o garoto. — Na Rua Cosme Velho. Um sobrado...

— Um sobrado na Rua Cosme Velho... Mas se é só o que existe por lá.

— Não sei o número.

O estudante resmungou qualquer coisa, a seguir voltou-se para o homem em seu colo.

— Pode me ouvir? Vamos levar o senhor para casa, está bem?

O homem ergueu debilmente a mão, fazendo um gesto indecifrável e curto.

Uma charrete de aluguel ia passando. O estudante espichou-se um pouco e gritou, chamando-a. O veículo parou. O cocheiro desceu para ajudar a levantar o homem do chão. Ele e o estudante carregaram-no para a charrete. Juca assistiu à cena, sem arredar de seu canto, e já ia talvez se tranquilizando, quando o estudante fez um sinal para ele:

— Venha logo! — ordenou. E, apontando para o embrulho caído na lama, completou: — Traga a bengala dele. E esse pacote. Acho que são livros.

— Eu não posso sair daqui! — protestou Juca. —

Tenho uma freguesa que marcou hora comigo para daqui a pouco.

— Dane-se você e sua freguesa. Como pode se negar a socorrer este pobre velho? Você precisa me indicar a casa. Venha, ou por boa vontade, ou movido a cascos. Pode escolher!

— Mas eu vou perder a freguesa!

O estudante não se deu ao trabalho de repetir a convocação. Juca meteu a caixa de engraxate e o pacote de livros no cesto e encaminhou-se para a charrete, arrastando os pés.

O número era o dezoito, da Rua Cosme Velho. Um sobrado, de fato; na verdade, um chalé assobradado, com teto em “v” invertido, muro baixo, com gradeado, portão duplo de ferro, um jardim na frente e duas palmeiras bem desenvolvidas.

Lá de dentro, Carolina viu a charrete deter-se no portão e, acometida de um mau presságio, deixou correndo a casa. O cocheiro e o estudante tiraram o homem de dentro da charrete. Carolina o recebeu nos braços, chorando muito. Ele ainda não conseguia falar e movia-se com bastante dificuldade.

— Ele está bem, senhora — assegurou o estudante.
— Foi apenas uma crise. Mas ele não se machucou.

Juca saltou da charrete, mas permaneceu afastado, encolhido e silencioso como um ratinho que, debaixo de um móvel, observa o movimento da sala.

— Deixe que nós a ajudamos a levá-lo para dentro...
Tenha calma, senhora. Ele está bem.

O estudante e o cocheiro foram entrando, cada um sustentando um braço do homem, apoiado nos ombros. No caminho, Carolina já ia cuidando de limpar-lhe o rosto da lama com um lenço, enquanto alisava seus cabelos,